



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10384 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Por uma perspectiva discursiva da alfabetização em muitos tempos: das formações de alfabetizadores e das crianças aprendentes da escrita

Luiza Alves de Oliveira - UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ludmila Thomé de Andrade - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Letícia Santos da Cruz - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Por uma perspectiva discursiva da alfabetização em muitos tempos: das formações de alfabetizadores e das crianças aprendentes da escrita

Dentre as formas de equacionar propostas para o ensino escolar da língua escrita, a abordagem discursiva da alfabetização eleva a importância da linguagem e dos sujeitos enunciantes leitores e escritores. A defesa da concepção de linguagem e de sujeito desenhada nos dispõe a delinear seus contornos conceituais coerentes em experiências de pesquisas desenvolvidas por três pesquisadoras, em tempos e espaços diferentes, de formação inicial e continuada de professores alfabetizadores. Munidas de conceitos que equacionam Linguagem como discurso e Sujeitos enunciantes - adultos, crianças, docentes, discentes, formadores, formandos etc. -, nas interações da sua atividade de escreventes, as pesquisas relatadas objetivam buscar contornos que possam ser refletidos nos processos de formação de professores alfabetizadores (tanto de E.I. como de E.F.). Para redesenhar a coerência de práticas pedagógicas, visando à aprendizagem escolar da linguagem escrita compreendida na dimensão constitutiva dos sujeitos escolares, em sua relação enunciativa de falantes/escreventes interlocutores, alinhamos a esta concepção alguns princípios que reúnem diferentes objetos de pesquisa, dos quais destacamos a própria didática da formação de alfabetizadores e os tempos seriados escolares e de durações outras nos segmentos da Educação Básica, Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Perspectiva Discursiva da Alfabetização; Formação do Professor autor; Pesquisa-formação; Dialogismo.

Tratar da Perspectiva discursiva para a alfabetização é missão de caráter urgentíssimo, de modo a entrar num fluxo de um movimento de contracorrente ao que se fortaleceu multiplicadamente a partir de 2020, como implementação do decreto de alfabetização de 2019. O decreto 9765/19 do Governo Federal, que define o que deva ser alfabetização no

Brasil, e o texto da Política Nacional de Alfabetização (a PNA) do governo atual constituem documentos legiferantes, que querem impor monologicamente uma visão da alfabetização, contra a qual apresentamos nossos argumentos.

Como pesquisadoras, temos nos voltado para situar teoricamente a linguagem nos processos formativos junto a professores alfabetizadores que buscam concepções que ampliem as possibilidades de suas formas de interação nas salas de aula, no *tête-à-tête* com seus alunos, considerando os modos de intervenção docente como sua enunciação (BAKHTIN, 2002).

Pesquisadoras autoras de pesquisas sobre a formação de professores, partimos de uma concepção de formação profissional docente que se quer ela mesma uma pesquisa. A partir de nossas experiências com pesquisas-formação, respectivamente (e integradas a uma origem de pertencimento ao mesmo grupo de pesquisa), encontramos possibilidades de autorização de professores a processos enunciativos em que os sujeitos ativamente dispõem-se a um trabalho com a linguagem que lhes transforme, e ao mundo, através de seus atos, transformando assim também a própria linguagem.

Os professores em formação sob nossos olhares são instados a escrever sobre sua realidade de ensino, sobre os acontecimentos da sala de aula (GERALDI, 2010) que eclodem na escola, desencadeando processos de aproximação, utilização (funcional) e aquisição da língua escrita.

O primeiro aspecto a ser pontuado é o do paralelismo entre os processos pedagógicos das crianças e processos docentes na formação. Para formar professores interlocutores das crianças em situações de ensino planejadas, que incitam, exploram e analisam os usos inusitados da linguagem oral; a produção de leituras interpretativas e de análises linguísticas, observando a riqueza das suas variedades dialetais, o melhor meio é que eles mesmos possam passar pela experiência de escreventes e de autores. De sujeitos professores a sujeitos alunos, de escritores professores a escritores alunos, são complexos e múltiplos os processos de apropriação. No bojo deste movimento, a língua não é mais a mesma depois de um tal trabalho pedagógico, porque os sujeitos que dela se aproximam se transformam eles também quando de sua aprendizagem. Professores aprendem com alunos aprendendo, não sabem onde vão “chegar” (seria melhor dizer aportar) quando desencadeiam as atividades formadoras. Estão se vendo no que fazem e se reveem nos olhos e discursos dos alunos. A escrita docente lado a lado com a escrita inicial discente.

Há mais de 30 anos, a Perspectiva Discursiva da Alfabetização tem sido divulgada e as concepções teóricas por ela carreadas junto aos professores de todo o Brasil. A abordagem tem sido discutida e absorvida de modo gradual, por retomadas históricas, por dentro de processos politicamente situados, em dinâmicas de formações de professores no Brasil, como uma temática de relevância e atualidade tratada em políticas de formação, embora nunca tenha se tornado hegemônica, pois a disputa entre abordagens diversas regulou os processos de formação e esta não ficou em primeiro escalão. O dialogismo entre as distintas abordagens, incorporando-se o possível das respectivas contribuições, a partir de uma justaposição de focos, nem sempre é possível. É assim que esta Perspectiva é apresentada em sua origem (SMOLKA, 1988), nascida em meio à já postulada força do Construtivismo ferreireano, nos anos 80.

Coerência em germe de um grupo de pesquisa e sua identidade epistemológica

Embora atuem em instituições distintas, estamos originariamente marcadas como pesquisadoras por nossa formação identitária epistemológica, e as pesquisas sempre se posicionaram pelo fortalecimento da voz docente, por meio de processos de escrita, reflexão e

publicização dos fazeres de/em sala de aula e de como essas ações possibilitam pensar em processos de construção de leitura e escrita mais dialógicos, significativos.

Propomo-nos a trazer tempos de urgência epistemológica em defesa da Perspectiva Discursiva de ensino-aprendizagem da língua escrita, a partir de algumas pontuações metodológicas: A pesquisa-formação como base da formação de professores alfabetizadores; Tempos de aprendizagem das crianças nos primeiros anos de escolarização e Iniciação à docência como atividade para a constituição de saberes-fazeres autorais, dialógicos e autônomos na formação inicial de professores.

Nas pesquisas sobre alfabetização de crianças voltadas para o discurso, é coerente que se integre o próprio olhar do pesquisador ao escopo de observação. Numa pesquisa-formação, observam-se os gestos, os movimentos e os deslocamentos simbólicos dos sujeitos de enunciações ressaltados da linearidade dos passos e tempos previstos antecipadamente. É no inusitado, que se expressa na possibilidade enunciativa de cada interactante, que reside a fonte de reflexões enriquecedoras, para conclusões que não se pautaram antes de atravessar a pesquisa.

Na pesquisa formação, incluem-se sujeitos pesquisadores e sujeitos pesquisados, não apartados pela lupa da pesquisa. Buscam se afetar mutuamente, como na vida, como nos movimentos discursivos. A ação de pesquisa é a própria formação e todos os envolvidos se formam em tempos de ensinar e aprender.

Tempos de aprendizagem das crianças nos primeiros anos de escolarização

O primeiro tempo de urgência em defesa de uma Perspectiva discursiva, que trazemos ao diálogo neste texto, refere-se aos tempos de aprender de crianças na Educação Infantil e no primeiro ano do Ensino Fundamental. Delineamos itinerários de diálogos entre as vozes de pesquisadora e de professores da Educação Básica, em um tempo extenso, processo longo de convívio e estudos, lado a lado com professores que se tornaram sujeitos de pesquisa. Situados lado a lado, pesquisadora e professores, compreendemos as práticas do trabalho com a linguagem – oralidade, leitura e escrita –, desde a Educação Infantil até a entrada do Ensino Fundamental. O modo de pesquisa foi pautado pela relação dialógica, e os sujeitos da pesquisa produziram sentidos por dentro da própria pesquisa. No ato de pesquisar, levaram-se em consideração as experiências docentes sobre suas práticas, seu compromisso em explaná-las, seus dizeres foram vozes partícipes.

Apostamos na experiência do encontro. Encontros com o outro, com a sua palavra, palavra alheia-própria, com o texto do outro, com os gestos do outro – expressos pela perspectiva discursiva em seu sentido dinâmico da linguagem. É no e pelo encontro com o discurso do outro que os espaços de elaboração de sentidos são constituídos e o processo alteritário se efetiva, ao passo em que se compreende a esfera de responsabilidade e responsividade implicadas nessa dinâmica. A concepção discursiva de linguagem desafia os estudos teóricos sobre a língua, pela realidade empírica das formas de ensino da letra pelos praticantes experimentados, os professores e suas ações, ou a relação estabelecida entre professores e crianças faz com que compreendam seu trabalho – positivamente ou não – buscando resignificá-lo. A prática docente torna-se, portanto, um aprendizado do olhar e da escuta, do exercício da resposta responsável ao outro, da presença atenta e cuidadosa.

Ouvir (escutar, analisar e responder) o discurso dos professores sobre suas práticas traz à tona a importância de fortalecer a concepção discursiva para o trabalho com a leitura e a escrita, desde a Educação Infantil, como possibilidade para que as especificidades de cada segmento sejam exploradas, pois a abordagem discursiva é a relação que os professores têm com a linguagem, que inclui de forma radicalmente saliente os estilos infantis. Ao tratar a

discursividade como o fio condutor desse modo de ação do professor, estamos investindo em um trabalho docente que prioriza em seu fazer os sujeitos - docentes e discentes - do discurso e das experiências e em que o professor reconhece e ratifica seus conhecimentos e experiências, através de sua prática.

A discussão que permeia os sujeitos de linguagem interactantes pode ainda ser densificada se trouxermos a ideia de que o tempo de expressão e de se dizer como sujeitos professores alfabetizadores e alunos aprendentes da escrita na/pela linguagem não se restringe ao exercício da profissão docente. Ela pode já ser construída, de forma coerente, ainda durante o processo de formação inicial de professores através da iniciação à docência, como defendemos em mais um tempo de urgência, conforme a seguir.

Tempos de formação inicial de professores

Ao aportarmos nossas pesquisas na Perspectiva discursiva para a alfabetização, sustentamos também aqui que os discursos de sujeitos em formação inicial de professores podem ser potencializados de forma a construir saberes-fazer sobre/da alfabetização que superem e subvertam concepções e práticas de ler e escrever pautadas na memorização, repetições vazias de sentido e centradas em técnicas de codificação e decodificação de letras/sons. Torna-se ainda mais desafiador inserir, nessa configuração, a participação desses sujeitos em programas governamentais de formação docente que coadunam com uma visão instrumentalista da ação pedagógica.

Referimo-nos especificamente aqui ao Programa de Residência Pedagógica (PRP), lançado em 2018, gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através do Ministério da Educação. Trata-se de um programa que prevê a imersão de licenciandos no espaço escolar para, dentre as atividades, executar regências e intervenções pedagógicas, sendo estas orientadas e acompanhadas por um docente experiente na escola (preceptor) e um professor da universidade (professor formador).

Diante desse cenário desfavorável a uma perspectiva discursiva de atividade com a linguagem, instamo-nos a investir no trabalho coletivo, fundado na participação democrática dos sujeitos, entendendo a formação de professor como uma pesquisa e nela redesenhando formas de enunciação ativa desses sujeitos. Durante os dezoito meses em que o projeto foi realizado (2018 a 2020), os sujeitos licenciandos foram provocados a escrever sobre suas experiências formativas e sobre os processos de construção da leitura e da escrita dos alunos dos anos iniciais das escolas onde atuaram.

Além de escreverem sobre as realidades, condições de ensino-aprendizagem e acontecimentos (GERALDI, 2010) que vivenciaram nos chãos das escolas, os licenciandos viveram a experiência larroseana de observar, acompanhar e elaborar propostas para uma alfabetização em que fosse possível dialogar sobre processos de aquisição da escrita, o papel da oralidade e da leitura literária na construção desses conhecimentos.

Os movimentos discursivos dos sujeitos em processo de formação inicial materializaram-se em escritos sobre os atravessamentos, transformações, saberes, fazeres e celebrações próprios e também das crianças das escolas-campo. As palavras dadas a ler (LARROSA, 2004) pelos alunos participantes do programa tecem fios da memória da docência nas escolas e constroem discursos sobre alfabetizar, numa perspectiva dialógica e significativa.

Tempos de conclusão e de ideias

Nosso texto ousou defender a abordagem discursiva da alfabetização como forma de

sublevar o lugar da linguagem e dos sujeitos enunciadorees nos processos de ensino-aprendizagem da língua escrita. Partimos, então, do potencial dos discursos produzidos em nossas pesquisas com os discursos dos sujeitos professores (formação inicial ou continuada) para a construção de saberes-fazeress sobre/na/para a alfabetização discursiva no contexto em que vivemos.

Defendemos a prioridade do trabalho com a linguagem nos fazeress-saberess da/na alfabetização, mas essa não é uma escolha natural e orgânica do fazer pedagógico que pode ser construída como consequência da instrumentalização e/ou domínio de métodos e receitas de alfabetização. A compreensão dessas escolhas passa pelo diálogo, pelas vozes dos sujeitos que vivenciam a atividade de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. É preciso escutar atentamente as vozes de professores e seus alunos ao se expressarem e se dizerem quem são. É nessa coerência que apostamos: construir tempos possíveis de diálogo entre professores que alfabetizam e crianças que aprendem a língua escrita, num constante movimento de vir a ser de encantamento com/na/da palavra.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRASIL. *Decreto* nº 9.765, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. 2019a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC, SEALF, 2019b. 54 p.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João, 2010.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SMOLKA, Ana Luiza B. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 1988.